

maio 1999
ano 4
edição meses letivos

A arquitetura do Projeto Sivam

Luis Espallargas Gimenez
learq@mandic.com.br

Morre Abrahão Sanovicz

M^a Beatriz Camargo Aranha
oculum@uninet.com.br

Boletim Óculum é informativo da Revista Óculum, publicado pelo CIDD da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, com apoio do Grupo PET - CAPES. Internet: www.puccamp.br/~fau/

Editor responsável
Abílio Guerra

Correspondentes
Ana Paula Baltazar *Inglaterra*
Affonso Orciuolo *Espanha*
Cristina Mehrtens *EUA*
Eduardo Aquino *Canadá*
Lígia Velloso Nobre *Inglaterra*
M^a Pilar P Pineyro *Uruguai*
Olivia de Oliveira *Suíça*
Paul Meurs *Holanda*
Paulo Diziolli *França*
Pedro Moreira *Alemanha*
Ramón Gutierrez *Argentina*
Vitorio Corinaldi *Israel*

Monitores CIDD
André Kaplan, Daniel Carne-
lossi, Priscila Vieira Davini

Grupo PET
Alexandre Tonetti, Daniela Cam-
margo, Diego Vega, Eliane Cas-
tanhoro, Fábio Araújo, Isabel
Nicolielo, Ivana Miranda, José
Renato Melhem, Júnia Sana,
Giovana Del Duca dos Santos,
Marcelo Svartman

FAU PUC-Campinas
Diretor
Ricardo Marques de Azevedo
Diretor adjunto
Denio Munia Benfatti
Coordenador de curso
Wilson Ribeiro dos Santos Jr

CIDD Centro Integrado de
Documentação Digital
Rod D Pedro I - Km 136
Campus I - CEP 13089-500
Campinas SP Brasil
fone 019 756.7156
fax 019 255.6376
fau@acad.puccamp.br

Revista Óculum
Alameda Campinas 51
01 404-000 São Paulo SP
fone-fax 011 2888950
oculum@uninet.com.br

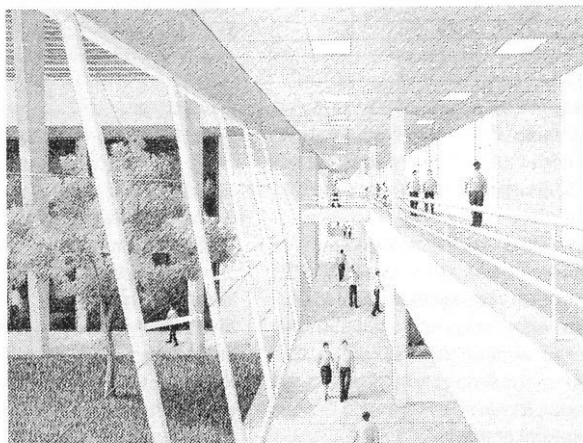
Apoio
Capes, Apple do Brasil e
Daigital Kodak



DAIDIGITAL



IMPRESSO



Equipe de arquitetura

Arquiteto responsável:
Luis Espallargas Gimenez;
arquiteto colaborador:
Naoki Otake; equipe de
arquitetos: Guilherme
Lida, Kenya Nagase,
Renata Barbosa e Silvana
Romano Santos; estagiá-
rios: Daniela Sandler, An-
gela Sbrogio de Almeida e
Jaime Cunha Jr; maque-
te: Takeshi Katsumata;
perspectiva: Roberto Sti-
ckel (Neco). Fotografia
Nelson Kon.

Como toda idéia inovadora, o SIVAM – Sistema Integrado de Vigilância da Amazônia – é objeto de debates públicos e serve de tema para uma desejável exposição de diversos pontos de vista. No entanto, seja qual for o argumento, é certo que este sistema apresenta um conjunto de novidades e desafios da maior relevância quando entendido como um assunto técnico e estratégico. Ou como o projeto complexo de um sistema que vai concentrar todas as informações em tempo real da Amazônia, para integrar, classificar e disponibilizar dados que possam ser compartilhados por um imprevisível número de usuários. Tampouco há dúvida que o sucesso e o bom uso de um sistema tão poderoso de monitoração poderá trazer incontáveis vantagens ambientais, sociais, econômicas e científicas para o país.

Nesta situação a arquitetura, ciente de sua irremediável defasagem técnica dentro de um contexto tão avançado e eletrônico, vai participar exercendo um de seus papéis mais tradicionais, aquele que propõe uma organização que estabeleça ordem e legibilidade em suas relações e que propicie, com flexibilidade e crescimento, futuros ajustes naturais à imponderabilidade do novo. Na implantação a acessibilidade explicitada enquanto eixo principal do centro e a orientação rígida das aberturas de séries de edificações típicas, neutras, componíveis, ampliáveis e vertebradas por corpos longilíneos é combinada com a formalização quase que literal do fluxograma técnico-funcional interpretado pelos ar-

quitetos. Esquema que vai relacionando e posicionando diversos edifícios e atividades para hierarquizar e desenhar os lugares de uma base setorizada por usos variados. Tipos arquitetônicos simples e recortados em que todas suas salas têm janelas e são sempre organizadas por galerias de circulação abertas para o exterior ou por circulações amplas e escalonadas com pés-direitos duplos e pontes de ligação transversal. Espera-se com isso conferir interesse a uma planta aberta e generosa, onde se indique a presença constante da floresta imponente – a presença que se quer defender e garantir – e, ao mesmo tempo, onde uma extensa espacialidade seja ademais de importante, também integradora como pretende ser toda esta ação.

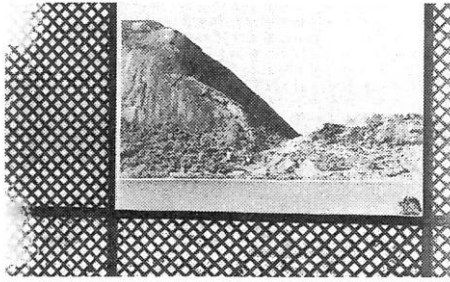
A arquitetura perdeu no último dia 29 de abril Abrahão Sanovicz, arquiteto com destacado papel na produção paulista das últimas 4 décadas. Tornou-se livre docente do Dep. de Projeto da FAUUSP, onde formou-se na década de 50. Foi ativo participante nas discussões sobre ensino, organização da profissão e das entidades dos arquitetos, onde, polêmico, nunca furtou-se a explicitar seu ponto de vista.

Na sua obra, trabalhou com os programas e experiências que animaram a sua geração. Sua contribuição pessoal destaca-se nas residências unifamiliares onde o espaço comum era valorizado, abolindo hierarquias e usos tradicionais, como a resid. Zélia Deri Twiaschor (1968), a resid. André Mehes Filho (1974) e a sua própria (1976). Na década de 70, quando construtoras paulistas investem em habitações coletivas com custos compatíveis com o Sistema Financeiro da Habitação, que implicavam em rapidez e padronização de componentes, a série de *edifícios modulares* para a construtora Forma Espaço e o Edifício Fiandeiras se destacam. Na área de habitação de interesse social, desde o Parque Cecap Serra Negra (1975) até os recentes Conjuntos Habitacionais Pascoal Melantônio e Celso dos Santos (1995/97), "o desafio era justamente oferecer um desenho com qualidade de espaço construído para uma faixa de poder aquisitivo carente. O projeto de arquitetura constitui apenas um meio para garantir ao usuário uma qualidade de vida melhor", diz Sanovicz.



CVA – Centro de Vigilância Aérea, SIVAM, arq Luis Espallargas Gimenez. Perspectiva interna e foto da maquete

Arquitetismo Clássico Brasileiro.
Jorge Machado Moreira, 1904/92
Roberto Segre
josegre@acd.ufrj.br



Edifício Antonio Ceppas, Rio de Janeiro, arq. Jorge Moreira

Comparativamente a outros países do continente (México, Argentina ou Chile), no Brasil não se viu poucas conquistas de seus principais arquitetos. Exceto a ampla divulgação de Oscar Niemeyer e alguns escassos e antigos livros internacionais sobre Affonso Reidy e Burle Marx, é recente o estudo sobre outros profissionais de prestígio: lembremo-nos dos volumes dedicados a Alcides Rocha Miranda, Álvaro Vital Brazil, João Vilanova Artigas, Lina Bo Bardi, Oswaldo Bratke, João Paulo Conde, Lúcio Costa e Paulo Mendes da Rocha. Não obstante, ainda há muita coisa por dizer dos fundadores do *Movimento Moderno brasileiro*, cuja liberdade criadora e divergente dos postulados do racionalismo europeu demonstraram ao mundo, na década de 40, que já se iniciava então o "regionalismo crítico", antes que Alexander Tzonis e Kenneth Frampton o definissem como categoria teórica.

Dentro da vanguarda do Rio de Janeiro que se inicia nos anos 30, dominada pelo trinômio Lúcio Costa, Oscar Niemeyer e Affonso Reidy, Jorge Machado Moreira constitui uma alternativa do profissionalismo *standard* – que, na minha opinião, compartilha com os irmãos Roberto –, alheio a toda concessão e às pressões vulgarizadoras de clientes, administradores estatais e empresas construtoras. Ainda que o historiador Roberto Conduru – autor do ensaio contido no livro/catálogo – louve a fidelidade de Moreira aos princípios compositivos de Le Corbusier, acredito que sua contribuição principal radica-se na capacidade de integrar-se em uma equipe com os principais arquitetos locais e também na interpretação própria de uma "brasilidade" que se distancia da sensualidade e liberdade figurativa de Oscar Niemeyer assumindo, como justamente assinala o crítico, os atributos do classicismo adequados ao universo periférico.

Moreira teve o mérito de ser um dos poucos desenhentistas identificados com o racionalismo europeu que apresentou-se, com Ernani Vasconcellos, para o concurso da sede do Ministério da Educação e Saúde (1935), do mesmo modo que Gérson Pompeu, Affonso Reidy, Carlos Leão e Lúcio Costa, todos eliminados perante o triunfo do academicismo de Arquimedes Memória. O ministro Gustavo Capanema recusou o projeto vencedor e encarregou Lúcio Costa para a elaboração de uma nova alternativa. Este formou uma equipe com os desenhentistas "modernos" assumindo a proposta de Moreira e Vasconcellos como base do futuro edifício, logo

modificado pelas transformações projetuais realizadas por Le Corbusier e Oscar Niemeyer.

Integrado no grupo dos "seis", Moreira participou em concursos e associou-se a alguns deles: Associação Brasileira de Imprensa (1935, com Ernani Vasconcellos); Ministério da Fazenda (1936, com José de Souza Reis e Oscar Niemeyer); Edifício da Viação Férrea do Rio Grande do Sul (1944, com Affonso Reidy); Sanatório de Tuberculosos Bela Vista em Petrópolis (1944, com Carlos Leão); Instituto de Puericultura da Cidade Universitária do Rio de Janeiro (1949, com Ernani Vasconcellos). Finalmente integra-se ao projeto do Aterro, com Reidy e Burle Marx, ao projetar um restaurante no Parque do Flamengo (1962). Este último realizou o paisagismo e a jardinagem da maioria de suas obras.

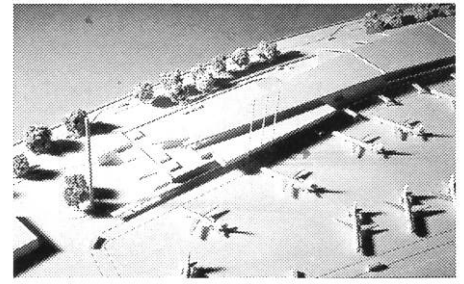
A obra mais complexa e madura de Moreira é a Cidade Universitária, na Ilha do Fundão (1949/62); culminação dos sucessivos projetos frustrados de Marcello Piacentini, Le Corbusier e Lúcio Costa. A sua grandiloquência dimensional inspirada no Corbu de Chandigarh provém da concepção paternalista e dos supostos recursos ilimitados do Estado benfeitor – durante os governos desenvolvimentistas de Getúlio Vargas e de Juscelino Kubistchek –, que assumia a responsabilidade total dos serviços públicos. Iniciativa esta que coincidia com outras similares na América Latina, que deixaram os significativos exemplos dos campus da UNAM, no México, e da UCV, em Caracas, dirigidos por Carlos Lazo e Carlos Raúl Villanueva, respectivamente. No Rio, a proposta inicial ficou truncada perante o esvaziamento institucional gerado pelo deslocamento da capital a Brasília, e pelo início da ditadura militar, em 1964. Isso motivou o isolamento e a autonomia dos três núcleos construídos sobre um território dilatado: os edifícios do Hospital e do Instituto de Puericultura; a Faculdade de Engenharia e a Faculdade de Arquitetura Federal do Rio de Janeiro. Apesar do atual abandono das instalações docentes, ainda são vivenciáveis os espaços generosos das áreas sociais, as transparências e perspectivas dos locais de trabalho, a qualidade dos materiais utilizados, cuja obsessiva modulação aproxima-os mais aos modelos miesianós que aos corbusianos. Enquanto no Instituto de Puericultura estão presentes alguns elementos identificados da "brasilidade" arquitetônica *soft*, as Faculdades de Arquitetura e Engenharia contêm a escala austera e *hard* da "academia" como marco disciplinar e educativo para os jovens estudantes. Para Moreira, a modernidade coincidia com o rigor tectônico e da funcionalidade clássica adequados ao contexto ambiental e cultural carioca.

Exposição Jorge Machado Moreira. Curadoria de Jorge Czajkowski. Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro, Rua São Clemente 117, Botafogo, 22260-001 Rio de Janeiro RJ, telefone 503.3137, fax 503.2739, caurj.smu@pcrj.rj.gov.br. De 13 de março a 9 de maio 1999. Magnífico catálogo à venda.

Roberto Segre é professor do Programa de Pós-Graduação em Urbanismo – PROURB, FAU UFRJ. Tradução (do espanhol) de Daniela Abdelnur Camargo, Grupo PET.

Novo projeto para o Aeroporto Nacional de Buenos Aires

Diego Wisnivesky, Buenos Aires
dwisny@hotmail.com



Novo aeroporto de Buenos Aires. Escritório Lier & Tonconogy

O projeto proposto para as atuais instalações do aeroporto nacional de Buenos Aires se apresenta como parte do programa de revitalização da infraestrutura aérea nacional, organizada pela empresa *Aeropuertos Argentina 2000*.

O atual aeroporto está localizado na costa norte da capital, entre a Cidade Universitária e a área de Retiro. O terreno se caracteriza por estar totalmente definido pelos limites metropolitanos e o rio de la Plata, não apresentando possibilidades para uma futura extensão do espaço físico, tanto para o setor de equipamentos como para a pista de pouso e decolagem.

Dentro deste cenário foi organizado um concurso nacional, que deu o 1º Prêmio ao reconhecido trabalho dos arquitetos Raul Lier e Alberto Tonconogy, do Escritório Lier & Tonconogy.

Apresentando uma solução espacial limpa e bem definida, a proposta se destaca por responder de forma direta e eficiente às exigências técnicas e estruturais do programa. O grande desafio para este projeto foi de poder responder de forma funcional às novas demandas do serviço aéreo, tendo como base as atuais instalações.

Com o objetivo de transformá-lo em um aeroporto de última geração, o novo projeto se caracteriza por suas grandes aberturas com vistas em direção ao rio, hoje totalmente bloqueadas, com áreas comerciais nas extremidades e terraços de expansão localizados ao longo da cadeia de árvores entre o prédio e a avenida de acesso.

A renovação permitirá o funcionamento com uma capacidade de absorção de 30% a mais de público, aumento que é esperado para os próximos anos. O número de vagas para o estacionamento será duplicado e a capacidade da plataforma de espera dos aviões aumentará em 25%, incluindo o sistema de corredores de acesso, desde as salas de espera até as aeronaves.

Em conjunto com a área de Puerto Madero, a Reserva Ecológica, a área de Retiro e a Cidade Universitária, este novo projeto se apresenta como mais um vetor de desenvolvimento do espaço metropolitano central em direção ao rio de la Plata, em um momento em que a cidade enfrenta um processo de redefinição da infra-estrutura dos limites urbanos em direção à linha costeira.

Os sintomas mais evidentes das transformações metropolitanas que ocorrem em Buenos Aires se manifestam dentro do processo de deterioração e recomposição de suas infra-estruturas.

A floresta urbana

Francisco Spadoni

fspadoni@uol.com.br

O concurso para as marginais do rios Pinheiros e Tietê foi a oportunidade de desdobrarmos algumas questões que vimos formulando em trabalhos anteriores para a cidade de São Paulo, relativas à requalificação de suas estruturas geográficas, a anulação das áreas residuais resultantes de intervenções viárias e recuperação ambiental.

Propusemos quatro matrizes complementares, que se superpõem e possibilitam desenhos múltiplos em suas várias combinações. As matrizes priorizam a idéia da recuperação ambiental por uma nova estrutura vegetal da várzea, que se completa por propostas para os sistemas de fluxo e de novos usos para as áreas lindeiras.

A matriz principal define-se pela implantação de um projeto florestal que ocupa todos os vazios disponíveis ou rearranjados ao longo das vias expressas, configurando uma linha verde de alta densidade com 8 milhões de m² em seu corpo central e 72 milhões de m² sua em sua expansão às áreas urbanizadas da cidade. Em uma frase, o trabalho se propõe a "anular os resíduos urbanos, reconstituindo-os como uma totalidade para a cidade através da paisagem".

Ambicionamos a constituição de um eixo verde com 42 Km de extensão, que responda à degradação ambiental da várzea e a requalifique, com sua extensa rede de eventos, como o grande espaço público metropolitano.

O problema

As marginais são o fato geográfico mais radical da estrutura física de São Paulo. Seus 42 km definem uma muralha invisível, que confina a cidade em hemisférios e refaz a estrutura dos vales, criando uma imagem de periferia dentro do sítio urbano. Com as vias expressas, o rio perdeu sua importância geográfica, pois são elas o novo parâmetro físico para a fronteira. Diríamos que a calha viária é o sucedâneo moderno da linha do trem. Junto a elas a cidade se desagrega, transformando estes novos corredores de tráfego numa espécie de metáfora atualizada da cidade murada.

O que pretendemos é a construção de um sistema de possibilidades espaciais, que seja regido pela conjugação de interesses técnicos, econômicos e políticos e impeça a extemporaneidade dos *designs* nostálgicos, hoje quase inconseqüentes frente à dramaticidade que atingiu a organização estrutural da cidade.

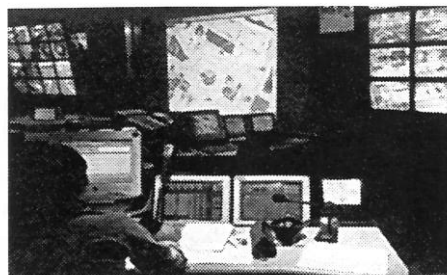
A nova linha florestal e sua expansão gradiente para a franja urbana tenderá a requalificar o eixo, atribuindo um novo valor aos territórios lindeiros e esta valorização poderá ser um dos canais de recurso para a implantação da operação.

Concurso de Idéias para a estruturação urbana e paisagística das marginais. Projeto 2º colocado, arquitetos Francisco Spadoni e Carlos Leite

Panopticon-oligopticon: uma visão sociológica de Paris

Ligia Velloso Nobre

ligian@globalnet.co.uk



Panopticon e oligopticon: mudança de paradigma?

O sociólogo francês Bruno Latour apresentou em fevereiro na Architectural Association de Londres uma palestra baseada em seu livro *Paris cidade invisível* recentemente publicado em parceria com a fotógrafa Emilie Hermant. Iniciando com a questão de como podemos visualizar a cidade, Latour estabeleceu dois diferentes meios de visualização, o *panopticon* e o *oligopticon*. O primeiro estaria relacionado à concepção de panorama, totalizante, megalomaniaco e paranóico. Por outro lado, o *oligopticon* seria o que vemos pouco mas muito bem, o que segue os filamentos, uma série de conexões. "Eu estou interessado no tipo de conexão estabelecida, e não numa visibilidade total". Latour expôs as principais características de sua pesquisa relacionada à teoria de *actor-network*, uma maneira de subverter divisões de ator e sociedade passando a considerar os atores numa rede de relações aberta e negociável, i.e. a rede é estabelecida e sempre modificada pela ação dos atores envolvidos (derivada de monadologia). Os atores podem ser humanos ou não-humanos, considerando que grande parte das conexões são feitas por não-humanos. Dicotomias como local e global, perto e longe, pequeno e grande são substituídas por tipos e número de conexões, "distribuindo o local, localizando o global". O que Latour tenta traçar através do *oligopticon* são exatamente as conexões, as trajetórias desses atores no tempo e espaço. Ele ressalta a importância da "metrologia" para traçar tais conexões, propondo que nós não vivemos numa "sociedade da informação", mas de trans-formações e associações. Todo transporte sem transformação seria simplesmente um *double-click*. Através do *oligopticon* é possível elaborar, traçar as inúmeras técnicas que rendem a vida possível aos parisienses, ressaltando a importância dos objetos ordinários, do mobiliário urbano que forma a rede da nossa vida cotidiana e que, por sua acumulação, oferece aos habitantes os meios de percorrer e viver na cidade. Mais do que concepções de *panopticon/oligopticon*, o que a proposta de Latour traz de fresco é a revisão das noções dos papéis dos atores (humanos e não-humanos) e das relações, criando uma nova concepção de coletividade, ressaltando as potencialidades presentes nas cidades, no caso os potenciais "invisíveis" de Paris.

Bruno Latour Et Emilie Hermant, *Paris ville invisible*. Editora La Découverte, Paris 1998. Ver também *Jamais fomos modernos*, ed. 34. Mais: www.ensmp.fr/~latour/index.html

II Seminário Montevideu

Hugo Gilmet

hgilmet@adinet.com.uy

Pelo segundo ano consecutivo a Faculdade de Arquitetura (Universidade da República) e a Intendência Municipal de Montevideu organizam ateliês de projeto urbano. Sob a direção de 6 *experts* internacionais, abordou o tema *Conectividade e paisagem nas bordas urbanas e bacia do riacho Miguelete*, desenvolvendo aspectos do *Plano de Ordenamento Territorial de Montevideu (1998-2005)*, recentemente aprovado.

Os resultados do *II Seminário Montevideu* constituem a primeira validação acadêmica do Plano Montevideu. No mencionado Plano Geral se propõem diversas figuras de planificação derivada, entre elas a redação de um Plano Especial para o riacho Miguelete, de valor estratégico. Nenhum dos 6 ateliês questionou o sentido unitário do Plano Especial como projeto estratégico e de grande significado na estrutura física da cidade. Diferente da primeira edição, onde em cada ateliê se elaboraram vários projetos, nesta se decidiu que haveria apenas um trabalho por ateliê, onde a orientação dada pelo coordenador foi mais decisiva. No primeiro agrupamento das propostas a ênfase dos ateliês foi para os aspectos docentes, se diferenciando dos enfoques posteriores, onde a resolução do tema passou a ser o centro da elaboração, ainda que também estes ateliês tenham dado resposta ao desafio pedagógico.

Os ateliês dirigidos por Pierre David (Paris) e Anri Pendleton (Boston) introduziu enfoques metodológicos diversos onde, mais do que chegar a um projeto, aspirou aproximar-se a diferentes visões da paisagem, a partir de experiências e leituras pessoais.

O ateliê de Hiroshi Hara (Tóquio) não apresentou uma proposta urbana, mas uma pré-urbanização. Se orientou para a transformação na área do manejo informal dos resíduos sólidos por parte dos catadores, visando a descontaminação do riacho e ações de promoção social.

No diagnóstico do ateliê de Paulo Mendes da Rocha (São Paulo), o riacho não existe para a cidade, propondo-se à *construir a natureza*, considerando o riacho uma máquina hidráulica que precisa ter seu traçado "arquiteturalizado" mediante a reelaboração de suas margens.

A proposta do ateliê de Ricard Fayos (Barcelona) também se apoia na definição das bordas urbanas, entendendo que o espaço se conforma pelas fachadas edificadas e no reconhecimento de uma seqüência de diversas tramas ao largo da bacia do riacho e no desenvolvimento de *projetos de autor*. Por fim, o ateliê de Jorge Moscato (Buenos Aires) identifica *nós*, tendo como critério de atuação por peças ou projetos urbanos que possam atuar como detonadores da transformação. Se entende que primeiro é necessário empreender a ação urbanística e mais tarde o melhoramento ambiental.

Hugo Gilmet, arquiteto formado pela Universidade de Lund (Suécia) é professor de Teoria na Faculdade de Arquitetura de Montevideu e assessor da Unidade Central de Planejamento da Prefeitura Municipal de Montevideu, Uruguai

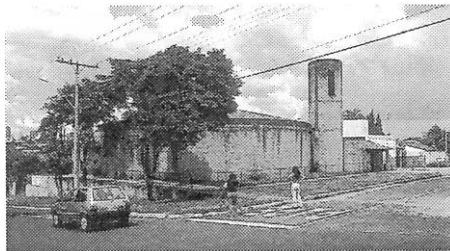
Tradução (do espanhol) de Diego Vega, aluno do Grupo PET



A igreja de Lina Bo Bardi em Uberlândia está desaparecendo

Valentina Moimas

oculum@imaginet.fr



Igreja em Uberlândia, arq Lina Bo Bardi. Fotos Valentina Moimas

No mês de março passado tive a ocasião de visitar pela primeira vez o Brasil. A viagem, longo tempo esperada com a impaciência de quem se prepara para ver com os próprios olhos um país e toda uma série de arquiteturas conhecidas somente por fotos, se revelou uma experiência forte e intensa. A riqueza e a qualidade do patrimônio arquitetônico brasileiro do período moderno é simplesmente deslumbrante. Porém foi um choque ver como todo esse patrimônio é maltratado e deixado em estado de abandono, onde o eufemismo "caindo aos pedaços" adquire seu valor literal.

Com incrível tristeza passei no centro de São Paulo, onde o prazer de ver em toda a sua materialidade os edifícios que já admirava através de publicações e outros que descobri por serem menos conhecidos, mas não por isso menos interessantes, foi envenenado pela triste constatação do real estado de conservação deles. As fotos, frequentemente antigas e em branco e preto, não me tinham preparado para uma realidade diversa, que se poderia definir como um lento apodrecimento do patrimônio arquitetônico-urbanístico. Ainda hoje continuo a me perguntar como é possível que um espaço de tal interesse esteja fadado à ruína e por que ninguém intervém para opor-se a este processo.

O talento de Rino Levi, de Álvaro Vital Brasil, de Oscar Niemeyer, para citar só alguns, é hoje reconhecido, então por que agora renunciar às obras que legaram? Se o espaço urbano e as obras arquitetônicas que o compõem são o fruto de uma efervescência cultural de uma comunidade, de uma sensibilidade espacial que distingue uma época, com é possível que essa mesma comunidade não se interesse por conservar, por estudar, por viver esta parte da sua história e da sua atualidade? Respondi a mim mesma, em um primeiro momento, que talvez uma intervenção em um centro urbano com tal complexidade e dimensão exigisse um aporte financeiro impossível atualmente.

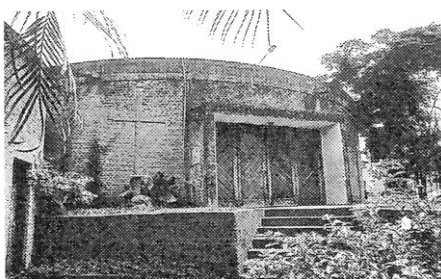
Mas como explicar que em uma cidade jovem, em pleno desenvolvimento econômico, como Uberlândia, onde obras significativas de arquitetura moderna certamente não abundam, a Igreja Espírito Santo do Cerrado, de Lina Bo Bardi, seja condenada a um fim certo e breve? Isso me fez ferver de raiva. Como pode uma cidade inteira nada fazer para salvar uma pequena jóia da arquitetura moderna tal qual a igreja da Lina Bo Bardi? Este projeto – malgrado alguns elementos não originais e outros não executados – é uma obra

única no seu gênero. É uma igreja construída com a comunidade e para a comunidade, é um momento de encontro entre uma arquiteta internacionalmente reconhecida e a população do bairro, é a prova que a qualidade de uma arquitetura não é ligada apenas aos meios disponíveis, mas à sensibilidade com o qual o espaço é tratado. Obra de uma poesia rara, onde o concatenar-se harmônico dos espaços é reforçado pela simplicidade dos materiais empregados.

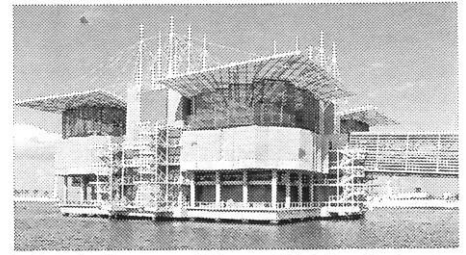
Para ver esta obra fiz uma longa viagem de ônibus até Uberlândia. Para ver com os meus próprios olhos esta obra que sempre admirei inundar-se sob uma chuva de fim de verão. Triste epílogo de uma viagem, onde fixei para sempre na memória a imagem de um teto sem telhas e de paredes transformadas em cascatas. Triste epílogo onde vi que a magia do espaço interno da igreja foi deturpada pelo acréscimo de pseudos pilares de madeira, que não têm nada a ver com a pureza da geometria construtiva, somente pelo desleixo de não substituir duas simples vigas já cansadas. Triste epílogo onde constatei que daqui a alguns anos tudo isso não existirá mais.

É possível que inexistam os meios para restaurar um edifício deste valor e de tão modesta dimensão? É possível que a comunidade não se dê conta do desastre que dia após dia consome a igreja que ela construiu com as próprias mãos? É possível que os arquitetos e os responsáveis políticos da cidade sejam insensíveis ao lento desfazer-se de um dos seus raros edifícios de valor histórico? Cheguei à conclusão que a causa do estado de abandono do patrimônio arquitetônico e urbano brasileiro da época moderna não está ligado somente à falta de recursos econômicos. Penso que o problema é mais profundo e nocivo, e que ele esteja ligado a uma mentalidade propensa ao esquecimento. Senão, como explicar a intervenção recente que desnaturou o conceito espacial original do MASP? Existe a intenção de ignorar este patrimônio, de esquecê-lo e virar a página? Mas se a memória de uma parte significativa da produção arquitetônica nacional não for conservada, o que restará aos futuros brasileiros? Talvez "cenários teatrais" como os condomínios fechados ou os *shoppings centers* horrorosos, como os da Barra da Tijuca, ou reurbanizações (?) como o projeto Singapura. Belos exemplos de como esconder uma miséria, cultural ou real.

Valentina Moimas é italiana e graduou-se na École d'Architecture de Paris La Villette, onde hoje leciona, e é mestre pela Sorbonne em História da Arquitetura Moderna e Contemporânea



Noticiário do Grupo PET Exposição, curso, concurso, encontro e outros eventos culturais



Pavilhão dos Oceanos, arq P. Chermayeff. Foto Hans Ege Luzern

Itinerários de arquitetura portuguesa

A Ordem dos Arquitectos Portugueses montou 15 rotas para conhecer a arquitetura contemporânea portuguesa. Trav. do Carvalho, 21/25, 1200 Lisboa, fon 00351 1 3432454, fax 3432450, cdrs@aap.pt

Biblioteca CAD – Ócolum

1. *Arquitetura Et Projeto*, Vicente del Rio, PróEditores, fon 011 864.7477, proeditores@sti.com.br
2. *Tenreiro*, Maria Cecilia Loschiavo Santos, Bolsa de Arte do Rio de Janeiro, fon 021 522.1544
3. *Jorge Machado Moreira e Le Corbusier. Rio de Janeiro 1929-36*, Centro de Arquitetura e Urbanismo, fon 021 503.4572, caurj.smu@pcrj.rj.gov.br
4. *Arquitetura e Modernidade*, Leonardo Barci Castriota (org) e *A formação do homem moderno vista através da arquitetura*, Carlos Antônio Leite Brandão, Editora UFMG, Editora@bu.ufmg.br

Revista Ponto lança número 3

Com matérias de João Walter Toscano, Marta Dora Grostein e Khaled Goubar. www.ponto.org

2º Congresso Estadual de Arquitetos do IAB-SP

Com o tema geral *O futuro da profissão*, acontece em Campinas, entre 20-22 mai99. Info: (019) 231.6733, kagu@correionet.com.br

Exposição Arquitetura Brasileira em Berlim

O projeto *Bairro Amarelo*, do escritório Brasil Arquitetura será exposto de 6 mai a 4jun99. Inst. Goethe, r Lisboa 974, São Paulo, fon 280.4288

Conferência Internacional em Buenos Aires

Tema: *A cultura arquitetônica desde 1990*. De 01-03set99. Centro de Estudios de Arquitectura Contemporânea, Miñones 2159, 1428 Buenos Aires Argentina, fon 4784.0080, bsasconfe@utdt.edu

Workshop na ESARQ de Barcelona

A ETSAM da UPC de Barcelona promove o workshop *Fingers, Polders, Islands* (19-29jul). Info: infoesarq@unica.edu, www.unica.edu/esarq

Exposição no Museu da Chácara do Céu, RJ

Caminhos do Modernismo Europeu, Coleção Castro Maya. Até 28 junho. r Murinho Nobre 93, fon 021 224.8981, cmaya01@visualnet.com.br

Errata do Boletim 29

O Castelo de La Sarraz fica na Suíça, no cantão Vaud, à 20Km de Lausanne